

ANDRE LUIZ GODINHO AGUIAR

**DUAS CADEIRAS: DIÁLOGOS ENTRE O JORNALISMO LITERÁRIO,
O CULTURAL E O MULTIMÍDIA**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Novembro de 2018

ANDRE LUIZ GODINHO AGUIAR

**DUAS CADEIRAS: DIÁLOGOS ENTRE O JORNALISMO LITERÁRIO,
O CULTURAL E O MULTIMÍDIA**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
Novembro de 2018



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Duas Cadeiras: Diálogos entre o Jornalismo Literário, o Cultural e o Multimídia*, de autoria do estudante Andre Luiz Godinho Aguiar, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti – Orientador
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Mariana Lopes Bretas
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Alex Sandro Martoni
Programa de Pós-Graduação em Letras – CES/JF

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
Viçosa, novembro de 2018

RESUMO

O projeto “Duas Cadeiras” (disponível em www.jornalismo.ufv.br/duascadeiras) tem como objetivo experimentar novas formas de contar histórias e falar sobre arte, explorando foto, áudio e vídeo e utilizando as técnicas do Jornalismo Literário. Este memorial apresenta estas experiências e relações de leitores comuns com o livro e a ficção e reflete sobre questões pertinentes ao Jornalismo Cultural hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; Jornalismo Literário; Jornalismo multimídia.

ABSTRACT

The project “Duas Cadeiras” (www.jornalismo.ufv.br/duascadeiras) aims to experiment new ways of storytelling and talking about art. Exploring photography, audio, video and the techniques of New Journalism, this work presents the experiences and relationships of ordinary readers with literature and fiction, thinking about pertinent questions of the cultural journalism nowadays.

KEY-WORDS

Culture; New Journalism; Multimedia Journalism.

LISTA DE IMAGENS

01	Página inicial do site Duas Cadeiras
02	Página interna da postagem sobre o livro “Quarto de Despejo”
03	Perguntas e tópicos para a conversa sobre o livro A Bolsa Amarela
04	Perguntas e tópicos para as conversas sobre os livros Quarto de Despejo e Xampu
05	Página de edição da postagem sobre o livro “A História Secreta”, onde vê-se o painel de aplicativos disponíveis e a possibilidade de colunas e objetos com diferentes larguras.
06	Página interna da postagem sobre o livro “A Bolsa Amarela”, onde aparecem as margens dos fragmentos e citações em destaque.
07	Página interna da postagem sobre a trilogia “Xampu”, onde aparece Robertha.
08	Fotografia inspirada no livro “Capitães da Areia” tem cenário marcado pela ferrugem.
09	Fotografia inspirada no livro de mistério “A História Secreta” tem tons escuros
10	Fotografia inspirada na trilogia “Xampu” foi feita em parede com discos de vinil
11	Fotografia para a publicação sobre o livro “A Bolsa Amarela” foi feita em um café citado no texto.
12	Fotografia para a publicação sobre o livro “Senhora” foi feita em brechó
13	Publicação sobre o livro “Quarto de Despejo” foi ilustrada com colagens digitais
14	Publicação sobre o livro “Quarto de Despejo” foi ilustrada com colagens digitais
15	Publicação sobre o livro “Quarto de Despejo” tem vídeo gravado em jardim
16	Página interna da postagem sobre a trilogia “Xampu”, onde é visível o player de áudio inserido no texto.

SUMÁRIO

O mundo comum	página 07
Leitores e biografias	página 09
Um Jornalismo cultural multimídia	página 22
Retorno ao mundo comum	página 38
Fichas técnicas	página 39
Referências e leituras	página 40

O MUNDO COMUM

*“Tudo está nas palavras,
inclusive eu e você.”*

Noemi Jaffe

Existe algo nas palavras que nos faz pensar de outras formas. Acredito que as palavras nos fornecem a possibilidade de nos enxergarmos, darmos nomes às coisas que sentimos e sentirmos de outra maneira aquilo que nomeamos – mas também acredito que as palavras operam coisas inomináveis dentro de nós.

Desde pequeno, mesmo sem entender, fui fisgado por esse potencial existente entre as palavras. Sempre adorei visitar livrarias e recebia prêmios na biblioteca da escola por sempre ser um dos estudantes que mais frequentavam este espaço. Gastava tudo que podia em livros – e recebia reclamações dos meus pais porque os lia rápido demais depois. Sozinho no meu quarto, eu me inspirava e aprendia com as histórias de heróis que saíam de suas vidas comuns, passavam por aventuras mirabolantes e retornavam aos seus mundos com uma sensação de dever cumprido.

Este é o memorial de um projeto experimental que é fruto deste gosto pelas palavras, o projeto Duas Cadeiras, onde eu me dediquei a ouvir, sentir e narrar conversas sobre literatura com alguns leitores, descobrindo caminhos de leituras de diferentes pessoas. Observei práticas, experiências e relações de leitores comuns com o livro e a ficção e percebi como estas relações entre leitor e livro, que surgem de uma aparente imobilidade (nada se move, exceto os olhos e as mãos), criam movimentos infinitos (o texto que se desdobra, cresce e se firma). Conheci leitores ávidos e deixei que a individualidade, que costuma nortear os hábitos de leituras das pessoas, seja dissolvida em torno da conversa e do compartilhamento de experiências - todos estes encontros e histórias estão disponíveis na página www.jornalismo.ufv.br/duascadeiras.

Além de provocar um debate sobre quem pode falar sobre literatura, este projeto também tem como objetivo experimentar novas formas de contar histórias e falar sobre arte no Jornalismo Cultural, explorando ferramentas multimídia e utilizando a própria linguagem artística e literária – abrindo mão do efeito de objetividade para evocar emoções, utilizar metáforas e figuras de linguagem, criar cenários e fugir das técnicas tradicionais do jornalismo (que privilegia a informação em detrimento da forma).

Tradicionalmente, memoriais do curso de Comunicação Social - Jornalismo na UFV são divididos entre relatório técnico e referencial teórico, contudo, optei por uma divisão em temas, unindo as ações que realizei com a reflexão por trás delas, por acreditar que a teoria é indissociável da prática e as práticas reformulam as teorias. Ao longo do capítulo “Leitores e biografias” conto quem são os leitores com quem conversei, como este projeto começou a ser executado e descrevo as técnicas do Jornalismo Literário de que me vali para a escrita. Num segundo momento, nomeado “Um Jornalismo cultural multimídia”, descrevo como foi encontrar um formato que misture o perfil jornalístico com as resenhas literárias e como foi produzir um conteúdo em áudio, imagem e vídeo para complementar as histórias – uma intenção que surge e se justifica pela crítica literária ser produzida quase que unicamente com base na palavra escrita, atualmente.

Depois de tanto passear pelas páginas protagonizadas por outras pessoas, esta é a minha jornada – uma jornada em busca da jornada de outras pessoas e personagens.

LEITORES E BIOGRAFIAS

*“Ainda que não te fossem dedicadas
todas as palavras nos livros
pareciam escritas para você.”*

Ana Martins Marques

Quando pensamos em literatura, logo pode nos vir à mente pessoas compenetradas em um texto escrito, isoladas e autocentradas, imersas no silêncio opressivo de uma biblioteca ou invisíveis ao mundo, dentro de quartos e escritórios.

Mas nem sempre foi assim que se deu a disseminação do texto literário. Na Grécia antes de Platão, poetas carregavam na memória suas histórias de heróis e propagavam oralmente estes feitos para seus alunos – jovens que apreendiam os sentidos destas epopeias para se tornarem guerreiros e cidadãos honestos. Já havia neste momento histórico uma tendência a uma interpretação correta: os mais velhos detinham as palavras de divina sabedoria e as histórias dos tempos passados, enquanto os ouvintes eram detentores apenas da oportunidade de estar presente. (HAVELOCK *apud* BELINTANE, 2018).

Estas práticas de canalização da informação e hierarquias de conhecimento e poder continuaram até a invenção da imprensa, quando foram inventadas as edições em grande escala - mesmo que já houvessem as cópias manuscritas e considerando que a função da leitura em voz alta também é a popularização de um texto. Antes disso, a alfabetização era rara e os livros eram propriedades apenas das classes mais altas, privilégio de um pequeno grupo de leitores, a leitura viria a ser popularizada como um hábito individualizado, que adquire vínculos emocionais do leitor com o autor e com o texto (SCLIAR, 2008).

Sozinhos, os leitores deixam de estar à mercê das leituras em voz alta, das entonações escolhidas por outras pessoas. Para Manguel (2004), um livro lido em particular não está mais sujeito às orientações, censuras, condenações e esclarecimentos de outra pessoa. Os leitores podem escolher seus próprios caminhos, reler os trechos que não entenderam, reler aqueles trechos que entenderam com o coração, podem dar suas próprias vozes aos personagens, pausar a narração perto da hora de dormir e

carregar o sentimento de serem donos do tempo. A leitura deixa de ter o tempo da pronúncia e passa a operar num tempo interior.

Da mesma maneira, as associações se tornam livres, com os pensamentos do leitor vagando pelas palavras à vontade e inspecionando as memórias de outros livros abertos no pensamento. Durante o ato de leitura, os olhos dos leitores apreendem os sinais brancos e pretos pelas páginas e cadeias de neurônios conectados reconstroem este código no cérebro. Para cada texto, um código diferente é acionado e nossos corpos são impregnados pelas noções de emoção, sensibilidade, intuição e conhecimento. (MANGUEL, 2004)

Estes códigos são tão plurais quanto o número de gêneros literários que podemos encontrar atualmente: as epopeias e tragédias gregas hoje dividem espaço nas prateleiras de livrarias e bibliotecas com dramas adolescentes, histórias de amor, investigações criminais, biografias de celebridades, distopias, aventuras infantis, sagas medievais, suspenses e uma infinidade de gêneros e subgêneros literários.

Ademais, este processo de reconstrução dos sinais em nossa mente é, sobretudo, pessoal. Se ler compreende o ato de ver a palavra e o ato de considerá-la de acordo com informações previamente conhecidas, todo processo de leitura é cumulativo e cada nova leitura é baseada em tudo que o leitor descobriu antes. (MANGUEL, 2004)

Durante três meses – agosto, setembro e outubro de 2018 – eu me encontrei com sete leitores de realidades e gostos diferentes, conversei sobre seus livros favoritos e tentei me conectar com suas histórias sobre o gosto pela literatura. Este caminho até as fontes, os leitores, foi bastante despretenso e espontâneo.

No Instagram, em agosto de 2018, procurei as marcações de perfis nas fotografias postadas pelo perfil do Clube Leia Mulheres, roda de leitura que acontece mensalmente em Viçosa (MG), uma primeira lembrança para começar esta busca por histórias. Foi assim que escolhi conversar com Ana Carolina Perricone, mediadora do grupo, e com Juracy Fernandes e Marcella Gava, que participam ativamente das reuniões. Ana Carolina Perricone, professora de literatura, teve uma história de altos e baixos com os livros e hoje se dedica a popularizar a leitura de mulheres escritoras. Juracy Fernandes, empregada doméstica, precisou deixar a escola muito cedo, contudo, voltou a se relacionar com as palavras depois dos 40 anos. Marcella Gava, professora de literatura, não se lembra de quando começou a gostar de ler, mas sabe que sofreu um pouco na infância por não ter livrarias ou bibliotecas em sua cidade. Em setembro,

visitei um encontro do grupo e conheci, presencialmente, Robertha Moreira – era sua primeira visita ao Clube. Robertha Moreira, assessora de comunicação, ganha, troca e presenteia com livros em todas as datas comemorativas possíveis.

Na Universidade Federal de Viçosa, entre almoços com amigos comuns, conheci Taina Dias, que sempre falava de suas experiências pesquisando a literatura sob os olhos da Sociologia. Taina Dias é estudante de Ciências Sociais e interpretou Jorge Amado num teatro na escola quando era criança.

Por fim, depois de uma convivência intensa na mesma turma do curso de Jornalismo, convidei Tayná Gonçalves, para que este último texto escrito na minha graduação fosse especial e um meio de agradecer os bons momentos vividos. Tayná Gonçalves, jornalista, não tem pais leitores, mas se lembra de sempre ter se dedicado à literatura.

Todas as histórias de amor pelos livros que ouvi foram registradas e reunidas no site do projeto experimental Duas Cadeiras – um nome que indica o contato, o encontro e a troca de experiências que busquei durante a construção das publicações. Para representar a diversidade de leitores e visões de mundo sobre a literatura, a identidade visual utiliza letras em tamanhos diferentes, mas que se encaixam, formando o nome do projeto. A mesma fonte do logotipo (fonte Rosmi) é utilizada nas capas das postagens (ver imagem 1).

Esta impressão de diversidade também pode ser percebida pela decisão de que cada postagem, tanto na página inicial quanto na página interna, tenha um jogo de cores próprio, inspiradas nas capas dos livros – Quarto de Despejo ganha um tom de azul e A Bolsa Amarela um tom de amarelo, por exemplo. Para dar destaque ao logotipo, a identidade visual também compreende um fundo em cor sólida com um padrão de ondas – uma forma simples – e a fonte Muli para os títulos e citações em destaque nos textos (ver imagem 2).



As vontades e os lugares



Faz de conta que estou sonhando

Juracy Fernandes indica diário de



A identidade de uma leitora

Marcella Gava indica Senhora, de José de Alencar

Imagem 1: Página inicial do site Duas Cadeiras

Agora ela está sozinha. Não há mais escola. Ainda não há faculdade. Há apenas um vazio profundo, uma escuridão que nem a mais branca noite de lua consegue eliminar. É difícil respirar. A química do seu cérebro está desequilibrada. É difícil respirar. Toda a energia, toda a alegria, todos os motivos válidos para se fazer qualquer coisa que comumente teria vontade (sair de casa, sair da cama, dançar...) foi sugada por algo como "um buraco negro". Ela se sente realmente esvaziada, tomada apenas por uma tristeza profunda. É difícil olhar para o vazio dentro de si, então, Taina olha para as palavras. Tenta encontrar na ficção uma última voz que a implora para sobreviver.

Ela se lembra da Canção da Bahia, da Canção da Liberdade. Lembra dos momentos bons que a acompanharam nas releituras que fez desse livro, então anseia que essa sensação forte a domine novamente. Procura e, novamente, abre seu exemplar de Capitães da Areia.

É difícil respirar. Ela se sente desalentada no meio das cenas tristes, do abandono e da solidão das crianças. A areia em frente ao trapiche, distante do mar, não consegue conter um choro engasgado, uma sensação de impotência diante dos problemas do mundo inteiro. Ela se sente Dalva, enxergada como um objeto, estática, sem vontades, derrubada. Ela se sente triste por todas as meninas que não são respeitadas durante o livro, seus corpos invadidos, desconsiderados pelo atrevimento dos garotos. Ela se sente doente, como uma Dora no orfanato, sozinha, desejando algo que a transforme e que ela não sabe o nome. Ela se sente perdida e exposta, como Pedro Bala preso num



No reino do céu seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado.

Imagem 2: Página interna da postagem sobre o livro "Quarto de Despejo"

Para todos, logo no primeiro contato, fiz a mesma pergunta: "Qual o livro mais marcante que você leu?". A ideia era que as respostas tivessem o mínimo de restrições possível, que qualquer livro valesse e que os critérios utilizados para a decisão fossem puramente pessoais: afeto, aproximação com os personagens, situações e lugares parecidos com os que viveu, um tema que provocou novas formas de pensamento ou

reforçou convicções... Havia um desejo, uma prioridade, pela literatura brasileira, mas que poderia ser descartada se quisessem.

Estas foram as leituras que compartilhamos:

Ana Carolina Perricone escolheu o livro *A Bolsa Amarela* (Lygia Bojunga), história infantil que questiona os lugares das crianças e das mulheres nas estruturas tradicionais de família. Juracy Fernandes indicou o livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada* (Carolina Maria de Jesus), diário que trata das condições de vida de uma catadora de papel em São Paulo, que caminha durante o dia do luxo dos palácios do centro à miséria da favela onde vive. Marcella Gava se lembrou do livro *Senhora* (José de Alencar), um romance urbano clássico, publicado originalmente em folhetins, que mostra as hipocrisias de um Rio de Janeiro de casamentos arranjados e relações por interesse. Taina Dias recomendou o livro *Capitães da Areia* (Jorge Amado), ficção modernista que retrata o cotidiano de um grupo de crianças que, para sobreviver, vivem a cometer pequenos furtos e delitos, e advoga a favor delas, denunciando a injustiça social e a desigualdade do Brasil. Robertha Moreira escolheu *Xampu* (Roger Cruz), uma trilogia em quadrinhos, composta pelas memórias do desenhista nos anos 1980 e 1990, entre os amigos, muitas garrafas vazias, gibis e discos de *heavy metal*. Tayná Gonçalves escolheu *A História Secreta* (Donna Tart), um romance policial onde o crime e o criminoso não importam, mas sim, os efeitos que uma morte e a passagem do tempo podem ter para um grupo de amigos.

Após a escolha dos livros, me dediquei a ler cada um deles, percebendo as questões pertinentes e levando-as num encontro marcado. Assim, aconteceram as conversas – ou as entrevistas semi-estruturadas, em profundidade. Todas duraram bastante tempo, com as histórias e lembranças tomando o espaço das cadeiras de um café, bancos em livrarias e de uma mesa em uma padaria.

O objetivo de trazer estas questões diferentes era a de obter o maior material possível para a hora de redação do texto. Quanto mais lados e episódios eu trocasse com as pessoas, mais possibilidades de escrita e reflexão seriam geradas.

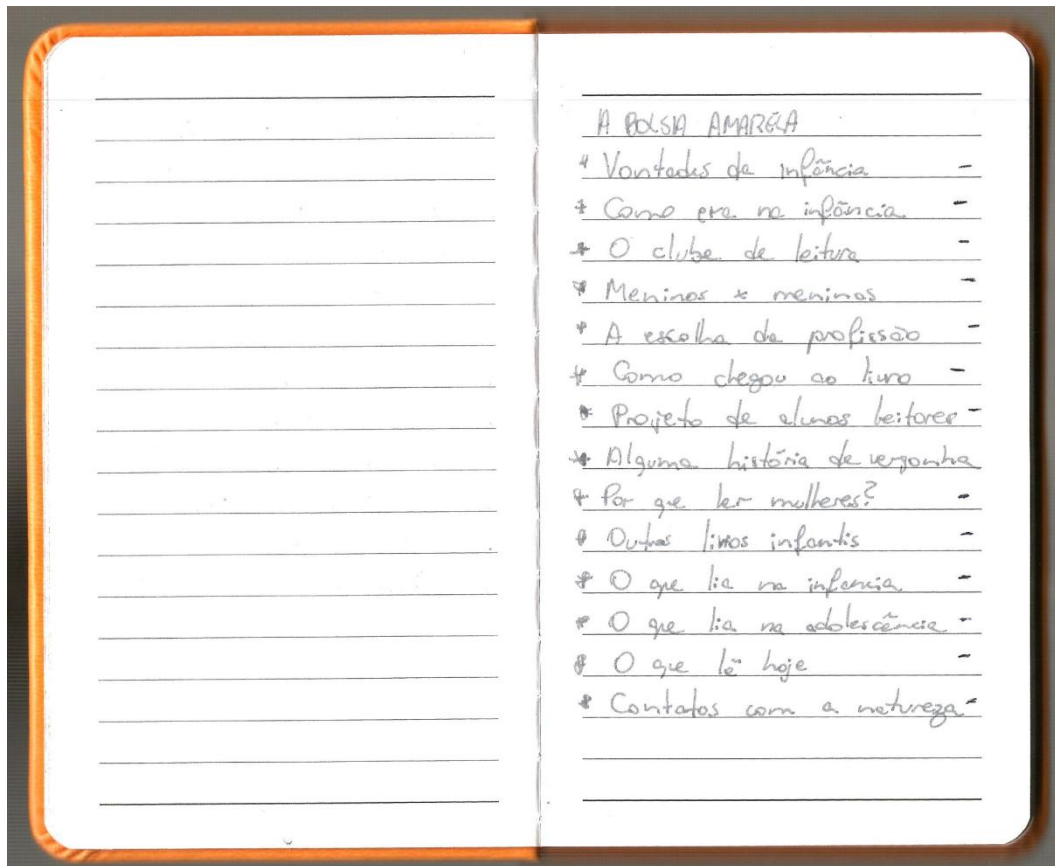


Imagem 3: Perguntas e tópicos para a conversa sobre o livro A Bolsa Amarela

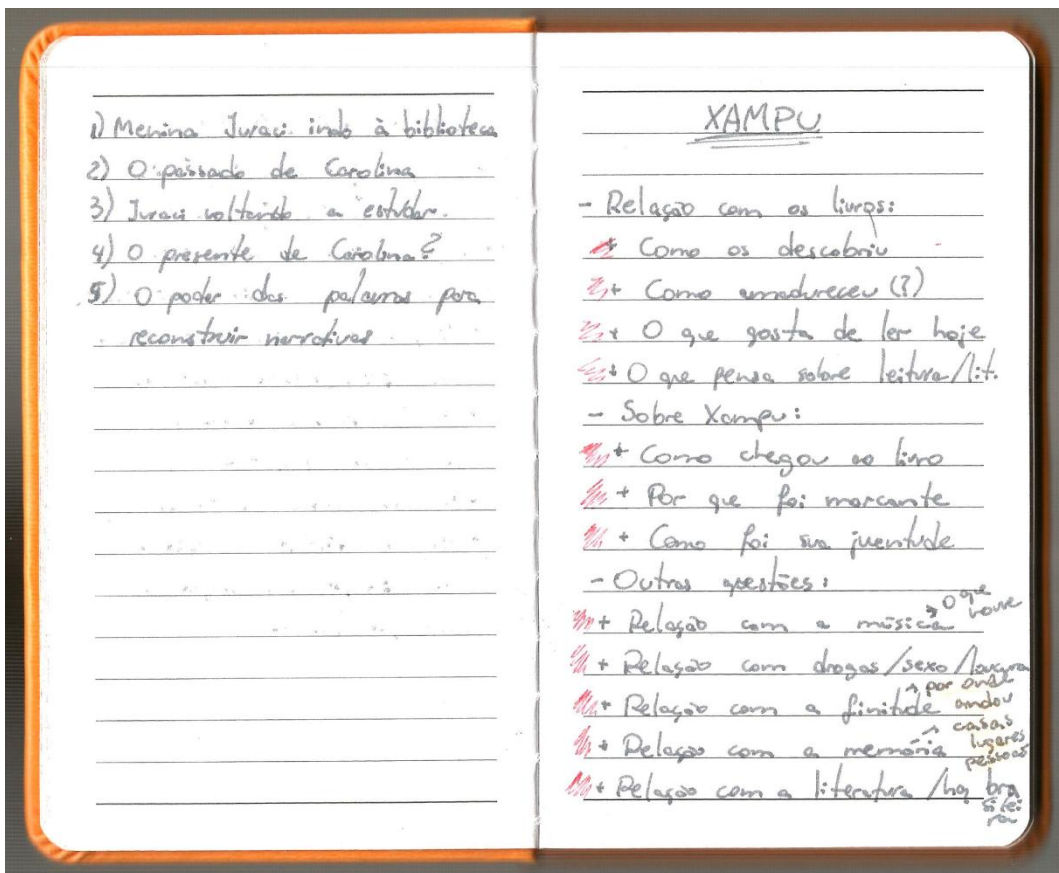


Imagem 4: Perguntas e tópicos para as conversas sobre os livros Quarto de Despejo e Xampu

O livro *A Bolsa Amarela*, por ser uma obra infantil, suscitou perguntas sobre a infância de Ana Carolina Perricone. Na história ficcional, a personagem Raquel sofre por ser tolhida pelo tipo de brincadeiras que gosta (imaginar ficções, correr e jogar futebol), mas esse tipo de similaridade não aconteceu na vida de Ana Carolina, que foi uma criança mais tímida e retraída. Porém, ter mais assuntos anotados, como a vivência na faculdade, levou a conversa a histórias sobre sua relação com o ensino de literatura tanto como aluna quanto como professora. Em sua trajetória, Ana Carolina foi criticada por ler livros populares e pressionada com provas orais de literatura – esta *vontade de literatura* foi retratada no texto “As vontades e os lugares” no projeto *Duas Cadeiras*.

O mesmo aconteceu na conversa com a Robertha, sobre a trilogia *Xampu*. Levei anotadas tanto questões claras dos quadrinhos, como a relação com a música, a amizade e as drogas, quanto questões paralelas, como a literatura brasileira em quadrinhos, a memória centrada em lugares e uma relação com o fim das coisas e dos relacionamentos e a nostalgia sobre o passado.

Pequenas perguntas sobre a infância de cada uma fizeram surgir afetos, como livros ganhados na infância, ou cenas mais desagradáveis, como as provas orais de literatura que Ana Carolina viveu. Perguntas sobre a adolescência provocaram lembranças sobre uma busca por autoconhecimento pela Tayná Gonçalves e momentos de transgressão vividos por Robertha. A juventude de Juracy foi dedicada ao trabalho como empregada doméstica, enquanto Tainá Costa, com a mesma idade, em outra década, continuava os estudos e tentava passar no vestibular.

É curioso pensar em como funciona a memória. Em todas as conversas foi possível perceber que algumas histórias falhavam e, possivelmente, foram reimaginadas, reescritas durante o diálogo comigo. As descrições dos lugares dos episódios que viveram, as pessoas que os acompanharam, situações das quais se é novo demais para recordar, mas que eram declaradas.

Marcella, por exemplo, quando narra detalhes de quando virava sozinha as páginas do livro que a mãe lia para ela, ainda estava em fase de alfabetização – com cinco ou seis anos de idade. É ali que, ela conta, já estavam alguns primeiros traços de sua identidade *de leitora* (este, por sinal, foi o título da publicação sobre ela e o livro *Senhora*). O fato de ela enumerar rapidamente diversos fatos que se relacionam à isso (tabelas de empréstimo de livro, conflitos na escolinha, o dinheiro que economizava, o

modo de organizar suas estantes...) se refere diretamente à relação entre a memória e o sentimento de identidade.

“Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.” (POLLAK, 1992, p.204)

Para Pollak (1992), este processo de construção e de rememoração de episódios que conferem coerência e credibilidade à sua identidade acontecem de forma tanto espontânea quanto proposital e sempre estarão sujeitos a mudanças e renegociações. Estamos sempre mudando nossas perspectivas em relação ao outro, em relação ao tempo e em relação a nossas experiências.

Todo processo de leitura é cumulativo e cada nova leitura é baseada em tudo que o leitor descobriu antes.

Foi impossível não me deixar afetar por cada uma das histórias que ouvi - histórias tanto felizes quanto tristes, tanto de superação quanto de aceitação. Além disso, minha relação com algumas fontes já era próxima. Por isso, o Jornalismo Literário foi um caminho para não perder a emoção dos relatos e poder transmitir essas sensações que o jornalismo tradicional (que busca, em vão, distanciamento e imparcialidade) tenta evitar. Este movimento ou estilo também seria caracterizado pela despreocupação com o desejo por novidade e a periodicidade dos jornais e revistas (VILAS BOAS, 2007) – característica que está ligada à flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção no Jornalismo Multimídia, tema que será abordado no capítulo seguinte.

Pena (2006) define que utilizar o Jornalismo Literário e desconstruir o mito da imparcialidade é deixar de ser escravo dos manuais de redação, ser mais subjetivo, não precisar apagar sua personalidade no texto, se valer de técnicas literárias e figuras de linguagem e abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Isto não significa, importante salientar, que a apuração deixaria de ser rigorosa – é necessário que o estilo literário esteja ligado à contextualização das informações de forma abrangente, relacionando acontecimentos e os localizando em um espaço temporal de

longa duração, e seja potencializada por uma observação atenta e uma abordagem ética dos personagens. Neste sentido, o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens também podem ser de grande valia para uma aproximação do leitor e/ou de uma verossimilhança pretendida. Para isso, é necessário que os perfilados sejam entrevistados à exaustão – o que, acredito, ocorreu em todos os casos neste projeto experimental, onde passei horas conversando com cada um dos leitores e ainda nos encontramos mais de uma vez.

Além disso, Pena (2006) também defende a opção por um perfil ativista diante da sociedade, questionando valores e propondo soluções. É importante preencher lacunas e abordar pontos de vista que não são geralmente abordados, contar histórias com abordagens que podem contribuir para a formação do cidadão, o bem comum e a solidariedade.

Algo que aconteceu espontaneamente e não estava em minhas intenções quando comecei a me encontrar com os leitores diz respeito a este caráter ativista que o Jornalismo Literário pode reafirmar. Ao perder a objetividade, causas podem ser defendidas, criticadas ou, no mínimo, levantadas. Isto acontece explicitamente em três das publicações do projeto Duas Cadeiras.

Ana Carolina me contou que deixou de ler com frequência quando entrou na universidade e Marcella disse que começou a se desafiar com metas de leitura justamente na faculdade, quando todos diziam a ela que haviam diminuído a quantidade de livros que lia – ela não queria ser um destes. A repetição desse tema me levou a propor na publicação “As vontades e os lugares”, sobre o livro *A Bolsa Amarela*, uma discussão sobre baixa autoestima intelectual – uma insegurança sobre seu próprio conhecimento, que pode levar, em alguns casos, a um afastamento de livros clássicos e da linguagem acadêmica.

Em um dos diálogos do livro *Senhora*, José de Alencar minimiza a questão da escravidão no Brasil – dizendo que a única escravidão verdadeira, a única que provoca sofrimento, é a escravidão do amor. Ao pesquisar um pouco, descobri que o escritor era filiado ao Partido Conservador, defensor da não abolição da escravatura no Brasil. Esta informação me fez inserir na publicação “A identidade de uma leitora” uma discussão sobre os recentes casos de denúncias de assédio em Hollywood e os boicotes a obras de alguns atores e diretores por eles serem criminosos ou preconceituosos.

Já na publicação “Faz de conta que estou sonhando”, sobre o livro Quarto de Despejo, apresentei a importância de lermos histórias de um ponto de vista diferente, o ponto de vista de escritoras negras. Confrontar-nos com uma personagem negra em um livro, ou perceber como mulheres negras podem ser produtoras de uma literatura vasta e rica, pode nos tirar do lugar-comum e nos leva a questionar diretamente nossos privilégios.

A parte do Jornalismo Literário que trata especificamente de narrativas sobre personagens é a de biografias e perfis jornalísticos, no caso de uma narrativa mais curta e focada em aspectos e episódios específicos. Nestas, o personagem é considerado o fio condutor do enredo e os episódios contados são centrados em uma mesma pessoa – diferentemente das narrativas temáticas, quando o tema é mais importante que as pessoas/perfilados. (VILAS BOAS, 2002.) De modo geral, estas produções biográficas apresentam acontecimentos da vida dos personagens organizadas em princípio, meio e fim e dados evidentes preenchem o texto.

Para Sato (2002), fórmulas como estas objetivam causar a impressão de que tudo no texto é o real concreto, organizando os fatos e oferecendo uma suposta realidade coerente e estável ao leitor em vez de refletir sobre a complexa rede de conexões e indeterminações que formam uma pessoa. Ao organizar a vida como uma história linear, o jornalista se aproximaria da função estética da literatura, logo poderia também utilizar outros artifícios para que o leitor mergulhe no real de um modo mais ameno e prazeroso. A autora ainda afirma que textos que tendem para a ambiguidade e para a plurivocidade, que constroem uma imagem metonímica do presente e narram fatos inventados ou recuperados pela memória podem atrair o leitor e se tornar um respiro, um descanso entre os artigos tradicionais.

Esta percepção, de um texto que não represente a realidade mas que crie um “outro real”, como define Baccega (*apud* Sato, 1991) é compartilhada por mim e foi uma meta neste projeto. Tendo esta noção de que a realidade total jamais poderia ser reescrita, pude me atentar e evitar a reprodução de estereótipos e lugares-comuns, enquanto me preocupava com um texto com um estilo de narrativa mais subjetivo. Depois de ouvir as histórias de cada um dos leitores, pude buscar a aproximação do trabalho jornalístico e do trabalho ficcional, me aventurando a estruturar experiências passadas e momentos presentes como se estivessem diretamente concatenados, me

apoiando na memória individual (a que nos habilita a relatar o que já fizemos) e na memória coletiva (que adquirimos por meio das histórias de nossos antepassados ou dos livros) dos leitores. Para Eco (2011), estamos sempre negociando e acreditando nestas duas memórias, confiando no que nos contaram anteriormente nossos ancestrais – ou cientistas, como chamamos hoje. Reproduzimos com detalhes toda a história do Brasil ou do nascimento de nossa mãe como se a tivéssemos testemunhado, por exemplo.

As histórias de Ana Carolina, Juracy, Marcella e Tainá Costa, por exemplo, que foram contadas de forma fragmentada, contém uma única linha do tempo, uma cronologia que não foi exatamente exposta nos nossos encontros.

A publicação “As vontades e os lugares”, sobre o livro *A Bolsa Amarela*, começa na infância de Ana Carolina, onde ficava ansiosa nas provas orais de literatura, passa pela juventude enquanto estudante de Letras, criticada por ler romances policiais, e termina com uma nova postura diante da literatura, como professora. Intercalado a isso, dois fragmentos explicam a história do livro infantil escrito por Lygia Bojunga – um primeiro mostra o início da história e o segundo narra as conclusões da protagonista Raquel sobre o lugar da mulher e da criança na nossa sociedade.

A publicação “Faz de conta que estou sonhando”, sobre o livro *Quarto de Despejo*, se inicia com uma Juracy menina, indo à uma livraria em Viçosa que não existe mais. Essas transformações da cidade são representadas ao mesmo tempo em que as descrições da cidade onde viveu Carolina Maria de Jesus. Por fim, conhecemos uma Juracy adulta, voltando a estudar e sonhando com uma faculdade.

A publicação “A identidade de uma leitora”, sobre o livro *Senhora*, se firma nesta construção de identidade que Marcella propôs em nossas conversas. Tudo começa com sua adolescência, quando vivia numa cidade sem livrarias e comprava os livros que desejava pela internet, e termina mostrando como incentiva os estudantes da escola onde trabalha a seguirem um caminho parecido. Entre as duas coisas, aparecem suas pesquisas no mestrado em Estudos Literários.

A publicação “5 leituras para os Capitães”, sobre o livro *Capitães da Areia*, começa na infância de Tainá, quando lê o livro de Jorge Amado pela primeira vez. Depois, passamos por uma nova leitura na escola, adolescente, e, mais tarde, já jovem, como uma obrigação para prestar um vestibular pela primeira vez. As releituras mais recentes foram, após o fim do ensino médio, quando passou por crises de depressão e, após isso, num clube de leitura.

Já as histórias de Robertha e Tayná Gonçalves foram redigidas com mais liberdade, criando cenas ilustrativas para representar as perspectivas que foram abordadas nas conversas.

O sentimento de observar as pessoas de longe foi uma questão importante para a construção da publicação “Como ouvir a música de uma imagem estática”, sobre a trilogia Xampu. Nos quadrinhos, o narrador observa todas as situações de longe e esta sensação foi utilizada nos parágrafos iniciais e finais do texto. Nos parágrafos iniciais, um narrador detalha o que está enxergando numa fotografia da adolescência de Robertha, imagem esta que não existe. Nos parágrafos finais, é Robertha quem se recorda de personagens fictícios ao caminhar pelas ruas da cidade onde nasceu. Entre os dois momentos, a sinopse e a ideia geral dos quadrinhos são alinhadas com a descoberta de Robertha do gosto pela leitura.

Já a publicação “Finitude e destruição”, sobre o livro “A História Secreta”, também teve a ficção como elemento fundamental para transmitir uma sensação de nostalgia e desolamento, tema das conversas com Tayná. Na história original, Tayná assiste a um filme com a namorada. No texto, substituí esta experiência por trechos e acontecimentos do livro e alguns episódios acontecidos com a própria Tayná, como uma visita a um sebo em São Paulo e um choro profundo sem motivo claro.

Em todas as publicações, mesmo naquelas em que a ordem cronológica foi escolhida para a escrita, espaços vagos são deixados de um acontecimento a outro. Não há um sentimento de justificativa para Ana Carolina ter escolhido a faculdade de Letras, para Tayná Gonçalves ter visitado São Paulo ou para Tainá Costa ler o mesmo livro tantas vezes. Afinal, os sentidos que conduzem de um fragmento a outro de uma vida podem ser definidos somente se obtivermos uma valoração e um espaço objetivos para as transformações que ocorreram, algo que não é possível na realidade, permeada por sentidos e sucessões diversas. (BOURDIEU, 1986)

Ao tentar reproduzir sensações utilizando a palavra escrita, divido o trabalho com o leitor, que completa as lacunas deixadas pelos pontos de vista privilegiados pelo texto. Wolfgang Iser (1979) afirma que é neste processo de induzir o leitor a fazer a narrativa agir que o texto cumpre seu ofício: “O vazio torna a estrutura dinâmica, pois

assinala aberturas determinadas, que só se fecham pela estruturação empreendida pelo leitor. Neste processo, a estrutura ganha a sua função.” (p. 132)

Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 2002, p.138)

Tanto na ficção quanto no Jornalismo Literário, é necessário confiar na memória e nas experiências do leitor para que as figuras de linguagem e as técnicas e os efeitos utilizados façam sentido. Enquanto leem um texto, leitores recordam, comparam, revivem situações anteriores, se recordam de outras histórias parecidas. Toda leitura é em si mesma alegórica, resultado de observações não sistemáticas de outras vivências, de afetos e memórias diversas.

Todo processo de leitura é cumulativo e cada nova leitura é baseada em tudo que o leitor descobriu antes.

Ler pode ser uma forma tanto de preservar o passado quanto de o reescrever. Ao mesmo tempo, o futuro é forjado – e qualquer leitor pode transformar as palavras que lê numa mensagem que decifra alguma questão para ele. (MANGUEL, 2014) Esta crença, de que toda leitura é individual e pessoal, inclusive, é um ponto importante de ser observado sobre este projeto experimental e sua relação com a crítica literária e o Jornalismo Cultural.

UM JORNALISMO CULTURAL MULTIMÍDIA

*“Um dispositivo que produza a repetição
pode produzir novas formas de
percepção?”*

Marília Garcia

O Jornalismo Cultural presente nos cadernos de arte e cultura segue, hoje, uma “rota da necessidade informativa” (BUITONI, 2000, p. 65), surgida com o conceito de notícia no século XX. Atualmente, é possível perceber nestes veículos quatro tipos hegemônicos de texto jornalístico: notícia (resumo básico de um acontecimento), reportagem (narrativa extensa e aprofundada), notas curtas e coberturas. Os temas são frequentemente agendados pelos lançamentos, datas comemorativas e grandes eventos (como entregas de prêmios). Ao fim de textos ou em páginas específicas, há o conceito de Serviço, um evidente caráter utilitário introduzido pelo jornalismo norte-americano – informações como guia de endereços, programação de artes e espetáculos e valores de venda. Nestes cadernos, as críticas também costumam ser taxativas, com classificações em notas e uma resenha em tamanho mínimo. (BUITONI, 2000)

Em depoimento em 1978, a crítica literária e pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda afirma ainda que os perfis de personalidades do meio literário raramente entrevistam “uma pessoa qualquer”, alguma parte do público: “qualquer um não serve, tem de ser Antônio Cândido, pessoas que mais uma vez avalizem o objeto cultural de prestígio, que culturalizem outra vez aquele nome, que aliás já era um nome feito” (CÉSAR, 1980, p.66)

Esta herança, dos críticos (ou dos escreventes) como detentores da verdade, vem sendo carregada desde o século XVI, quando os proprietários da linguagem eram os escritores, pregadores, tradutores, comentaristas, juristas, catalogadores e censores – somente eles podiam falar. Estes estabeleciam os cânones e hierarquias oficiais e atribuíam intenções às obras em circulação. Ainda hoje,

A maioria das teorias críticas procura explicar por que o autor escreveu a sua obra, segundo que pulsões, que injunções, que limites. Esse privilégio exorbitante concedido ao lugar de onde partiu a obra (pessoa ou História), essa censura imposta ao lugar aonde ela vai e se dispersa (a leitura) determinam uma economia muito particular: o

autor é considerado o proprietário eterno de sua obra, e nós, seus leitores, simples usufratários. (BARTHES, 2004, p. 27)

A crítica, neste sentido, coordena uma hierarquização do fazer artístico. O crítico intervém no cenário de arte e pretende nos ensinar as obras que merecem mais interesse, mais aplausos, mais admiração. Além disso, a própria visibilidade que um crítico oferta a uma obra e deixa de oferecer a outra interferem em nossas regras para definir o que é arte. (COLI, 1995)

O problema é que a autoridade institucional de um discurso é tão forte quanto contraditória. Tanto os critérios de julgamento quanto os critérios para a presença ou ausência de uma obra nas páginas de um caderno cultural são geralmente complexos, subjetivos e arbitrários: “afinidade entre a cultura do crítico e a do artista, de coincidências (ou não) com os problemas tratados, de conhecimento mais ou menos profundo da questão e mil outros elementos que podem entrar em cena para determinar tal ou qual preferência” (COLI, 1995, p. 18)

Para Barthes (1982), tudo que é tocado pela linguagem, como a literatura, é passível de ser questionado, por conter uma natureza simbólica. Durante muito tempo, viu-se na palavra um instrumento, mas vê-se agora signos. Se a literatura, então, é simbólica, como pode-se presumir leituras ou modos de leitura únicas ou mesmo critérios de julgamento universais? Se não existe algo como uma definição única nas palavras, nenhuma autoridade pode nos impor uma leitura ou interpretação como mais importante que outra.

Eco (2011) concorda que as leituras de um texto não podem ser resumidas: “Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto.” (ECO, 2011, p. 14)

Todo leitor que não se deixa intimidar por censuras, preconceitos, hierarquias e o senso comum sobre a erudição sabe da força da simbologia de uma obra literária. Todo leitor pode sentir que a linguagem da obra desenvolve nele outras palavras. Todo leitor é capaz de retomar um contato com um *para-além* do texto. Os leitores devem ler por si mesmos e determinar os próprios valores e significados ao que leem, mostrando a autoridade que as experiências íntimas podem exercer. (BARTHES, 1982)

(...) admite-se comumente que ler é decodificar: letras, palavras, sentidos, estruturas, e isso é incontestável; mas acumulando as decodificações, já que a leitura é, de direito, infinita, tirando a trava do sentido, pondo a leitura em roda livre (o que é a sua vocação estrutural), o leitor é tomado por uma inversão dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobrecodifica*; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia. (BARTHES, 2004, p. 41)

Chartier (1999) concorda com Barthes quando afirma que cada leitor dispõe da legitimidade e do direito a um julgamento pessoal, mesmo distante da academia e dos sábios. Além disso, o historiador afirma que cada leitura se torna também uma apropriação inventiva quando acontece: “o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção – uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção.” (CHARTIER, 1999, p.19)

Cada pessoa, de acordo com sua própria narrativa na vida, fará um percurso diferenciado numa biblioteca ou numa livraria, libertando os livros das prateleiras seguindo ordens e interesses diferenciados. O que consideramos leituras mais desafiadoras ou simples, mais lúcidas ou abstratas, seguirá conceitos diferentes para cada pessoa, de acordo com suas leituras anteriores e a construção de seus gostos. Leitores tem a sensação de que todos os livros se dirigem a eles pelo nome, que todos os livros estão à espera de nossos comentários e opiniões, que toda história é sua própria autobiografia, onde encontram traços e mais traços de suas vidas. (MANGUEL, 2004)

Todo processo de leitura é cumulativo e cada nova leitura é baseada em tudo que o leitor descobriu antes.

Se todo leitor terá sua própria leitura e interpretação dos livros que abre, por que um único tipo de pessoa mantém a autoridade para interpretá-los? *¹

Existe a impressão de que todos estão sujeitos a um único significado, visto que estão sob o jugo de um mesmo código linguístico, as mesmas palavras cuidadosamente escolhidas por quem o escreveu, mas novos níveis de significação surgem, inconscientemente, toda vez que fazemos o texto nos entregar algo. Além disso, jamais

*¹ Ao buscar “quem são os críticos literários no Brasil”, o Google indica em destaque dez críticos literários “que fizeram história”. Todos são homens: <http://tiny.cc/criticos> (Acesso em 30 de outubro de 2018)

voltamos ao mesmo livro e à mesma página, porque, com o tempo, nossas lembranças esmaecem e nós mudamos quem somos. (MANGUEL, 2004)

Uma das histórias que ouvi, por exemplo, trata justamente desta incapacidade de percepção das múltiplas faces que a literatura pode assumir e dos múltiplos valores que podem ser acionados para avaliar ou desqualificar uma leitura – a história de uma professora que criticava a leitura de um romance policial por uma estudante de Letras, como se livros mais ágeis e alguns gêneros literários não necessitassem de exercícios de encadeamento de ideias, imaginação ou reflexão por parte do leitor.

A quem interessa essa *elitização da literatura*? Por que alguns escritores são perpetuados num cânone enquanto outros não aparecem nas notas de um caderno cultural? Por que eventos como a Festa Literária de Paraty são celebrados enquanto eventos populares, como as Bienais Internacionais de São Paulo e Rio de Janeiro, são criticados por apostar em uma literatura que se torna *best-seller*? Ficção adolescente e especulativa são comumente ironizadas, livros realistas e experimentais são correntemente cultuados. Homens brancos são premiados, enquanto mulheres e autores negros e LGBTQs se tornam “literatura de nicho”. Desta forma, o rebuscamento afasta, exclui, cria barreiras, institui a inacessibilidade.

Neste sentido, quando este projeto experimental dá destaque aos leitores comuns, em especial aqueles que comumente não tem autoridade e “erudição” (como mulheres, negros e LGBTQs), ele permite um diferente tipo de crítica ou um novo gênero ao Jornalismo Cultural. Uma crítica que assume a subjetividade, a polifonia e o ponto de partida de cada indivíduo (BACCEGA, 2000) e ressalta as histórias e memórias que podem cercar os hábitos e gostos de leitura de cada um, apostando na diversidade e na pluralidade de pessoas e de livros.

O projeto experimental Duas Cadeiras propõe um Jornalismo Cultural que pode ser exercido de outras formas, partindo de outras pessoas, que tem narrativas diferentes e não precisam a esconder, a isentar de um texto final. É interessante ver a história real de uma criança descobrindo o mundo intercalada à uma personagem que também cria sua maturidade aos poucos, algo visível na publicação “As vontades e os lugares”, com a vida de Ana Carolina Perricone. Notar que a cada releitura um livro, como Capitães da Areia, pôde trazer uma nova experiência à Taina Dias, de acordo com a fase da vida em que leu. Enxergar semelhanças e diferenças na vida de uma mulher negra nos dias atuais

e de uma mulher negra nos anos 1950, como na publicação “Faz de conta que estou sonhando”, com as vidas de Juracy Fernandes e Carolina Maria de Jesus.

O trabalho opinativo e a popularização de um livro, autor ou temática podem estar acompanhados de uma história de vida, que ilustre ou justifique seu gosto ou, em outros casos, funcione como um elemento de aproximação dos leitores da crítica com a literatura – seja ela um livro infantil, como *A Bolsa Amarela*, um diário, como *Quarto de Despejo*, ou uma história em quadrinhos, como a trilogia *Xampu*.

Para Martins (1985), quando uma leitura qualquer nos desperta alegria, tristeza ou curiosidade, evocando lembranças e nos permitindo fantasiar, estamos praticando uma leitura no nível emocional - algo da graça dos livros está justamente no fato de que uma pessoa pode sorrir e outra sorrir na mesma página de um livro, dependendo das memórias e referências que ela aciona durante este processo. A autora afirma ainda que, sob o ponto de vista da cultura letrada, a leitura neste nível seria considerada inferior por faltar o objetivismo.

“No terreno das emoções, as coisas ficam ininteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas trançadas no seu inconsciente. Não obstante, essa é a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer. E, mais uma contradição, é pouco revelada e muito menos valorizada.”
(MARTINS, 1985, p. 48)

Já a leitura em nível racional, caracterizada pela apreciação da linguagem e da tentativa de descoberta dos processos que levaram o texto artístico a existir, isolando-o de seu contexto e orientando-se por normas preestabelecidas e pela ausência de envolvimento pessoal, seria considerada superior por aqueles que “guardam para si o privilégio da criação e fruição das artes, das ideias, das coisas boas da vida” (MARTINS, 1985, p. 63). Este se trata do texto mais comum nas resenhas e críticas presentes em cadernos do *Jornalismo Cultural*, atualmente.

Propor uma presença e valorização maior da leitura emocional não significa propor a eliminação de uma leitura racional do *Jornalismo* ou da academia. Pelo contrário, reconhecer a existência de outros modos de leitura favoreceria o resultado final, apresentaria ângulos diferentes de um mesmo objeto. Assim como a vida, a leitura é uma dinâmica constante entre emoção e pensamento.

O Jornalismo Cultural, atualmente, se manifesta em dois ambientes distintos. Um espaço seria o jornalismo geral, diário, onde falta espaço para uma crítica artístico-cultural mais elaborada. O outro, revistas especializadas, como a *Cult* (a maior revista mensal especializada em circulação no Brasil) e a *Bravo!* (que reduziu sua tiragem a quatro edições por ano), e suplementos literários, como o *Jornal Rascunho* (de Curitiba – Paraná) e o *Suplemento Pernambuco* (de Recife – Pernambuco). Estes, apesar de trazerem mais informação e contextualização, se ancoram somente no texto escrito para criticar o mundo – mesmo que imagens inundem “páginas impressas no papel, painéis, telas mínimas e imensas, tramas de tecido, tramas eletrônicas” (BUITONI, 2000, p.67).

Além disso, a popularização da internet propiciou o surgimento de blogs, sites e canais no YouTube sobre literatura. Nestes, leitores costumam apresentar críticas e resenhas mais pessoais que as comumente vistas no jornalismo, assumindo a subjetividade como um elemento positivo, diferenciador. Contudo, mesmo num ambiente que facilitaria a experimentação, como o virtual, estes se apoiam principalmente na palavra escrita ou falada. (BALVERDU, 2014)

“Se todo nosso conhecimento e nossa experiência vêm das percepções sensoriais, a crítica deveria articular os diferentes sentidos e as diferentes expressões: o verbal, o visual e o sonoro” (BUITONI, 2000, p.67). Para Buitoni (2000), a palavra se mostra como um impasse, por não poder compreender uma melodia, uma imagem, uma sensação, uma obra em sua totalidade. Logo, acredita que a crítica deveria envolver mais sentidos – assim como a crítica e ensaísta Susan Sontag:

O que mais importa agora é redescobrir nossos sentidos. Devemos aprender a *ver* mais, a *ouvir* mais, a *sentir* mais. Nossa tarefa não é procurar o máximo de conteúdo numa obra de arte, menos ainda extrair de uma obra de arte um conteúdo maior do que aquele que está lá. Nossa tarefa é eliminar o conteúdo de modo que seja possível ver a coisa em si. O objetivo de todo comentário sobre arte deveria ser fazer as obras de arte - e, por analogia, nossa própria experiência – mais, e não menos, reais para nós. A função da crítica deveria ser mostrar como é que é, ou mesmo o que é que é, e não mostrar o que significa. (SONTAG, 1963, p.104, *apud* MACHADO, 2000, p. 73)

A defesa de um jornalismo de arte e cultura que use mais que palavras é um apelo para que os jornalistas debruçem-se sobre a percepção e a simbologia e que utilizem novas estratégias para aguçar a fruição da cultura.

Acredita-se que o cruzamento da linguagem verbal, da linguagem visual e da linguagem sonora pode compreender mais detalhes que o jornalismo dos cadernos e

revistas de cultura. Por isso, técnicas comuns do jornalismo multimídia – textos longos, design responsivo, leitura verticalizada, aglutinação de ferramentas de áudio, imagem e vídeo, interatividade (LONGHI, 2014a, 2014b) – podem ser caminhos.

Neste projeto experimental, algumas destas características foram utilizadas como um meio de apresentar as experiências das leitoras e de suas histórias preferidas de uma maneira mais detalhada, com mais elementos sensíveis.

O jornalismo na internet é definido, segundo Schwingel (2012), por oito características: 1) interatividade (a possibilidade de integração do usuário na página, que escolhe seu percurso e pode contribuir com a produção jornalística), 2) hipertextualidade (a própria estrutura da internet, se referindo a conexões e links entre os conteúdos), 3) personalização (a customização ou hierarquização do conteúdo, de acordo com os interesses do usuário), 4) memória (a facilitação dos processos de arquivar, conservar e acumular informações, característica de toda organização jornalística), 5) atualização contínua (a possibilidade de disponibilizar informações novas a cada momento para o usuário), 6) utilização de ferramentas automatizadas no processo de produção, 7) flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção e 8) multimídia - estas três últimas características foram as mais exploradas neste trabalho, por isso serão explicitadas a seguir.

A primeira característica do ciberjornalismo relevante de ser explorada nesta discussão diz respeito ao uso de ferramentas automatizadas no processo de produção. Esta característica compreende a utilização de sistemas de gestão, composição e edição dos conteúdos que foram concebidos previamente, não necessitando de uma passagem por aspectos artesanais ou a necessidade de um conhecimento prévio em programação. (SCHWINGEL, 2012)

Cabe destacar, sob esta característica, a utilização do Wordpress, como um sistema para publicação dos conteúdos, e do *plugin* Elementor para Wordpress, como um aplicativo fundamental para a composição da aparência do site.

Com o *plugin* gratuito Elementor para Wordpress, não foi necessário que eu aprendesse muitas técnicas de edição de HTML (uma linguagem padrão para hipertextos), pois sua interface permite que se arraste botões com os serviços mais comuns, como álbum de fotos ou *player* de áudio ou vídeo, até outros mais complexos, como criação de tabelas e gráficos. Este *plugin* também permite a edição de cores,

fontes, espaçamentos, larguras de colunas, tamanhos de margens e adição de fundos à página, dentre outras ferramentas para personalizar o texto. (ver imagem 5)



Imagem 5: Página de edição da postagem sobre o livro “A História Secreta”, onde vê-se o painel de aplicativos disponíveis e a possibilidade de colunas e objetos com diferentes larguras.

Desta forma, o tempo de trabalho de customização do site do projeto experimental foi reduzido e o resultado ficou como eu esperava – utilizando formatos e cores diferentes para cada postagem e dispendo o conteúdo em mais de uma coluna, personalizadas de acordo com o que cada publicação necessitava – sem necessitar de imergir em livros e tutoriais de programação e design. Este plugin foi de grande ajuda para um projeto como este, feito por uma pessoa só e com um tempo limitado para a entrega dos resultados.

A internet não é regida por lógicas de uma grade de programação, como a televisão e o rádio, e nem se limita ao número de páginas de uma publicação impressa. Desta forma, não há questões técnicas ou financeiras, a rigor, que limitaria os caracteres de um texto ou uma barreira para o número de informações visuais que possam ser disponibilizados numa mesma página. Assim, o ciberjornalismo também é caracterizado pela flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção, consistindo na possibilidade do jornalismo utilizar a quantidade de espaço e tempo que desejar para compor sua publicação. (SCHWINGEL, 2012)

Esta foi uma questão pensada desde o início neste projeto experimental. A informação passada não foi regulada em nenhum momento por um número máximo de caracteres. Inclusive, já se pretendia os textos longos (muitas vezes impossibilitados no jornalismo comercial) como um elemento fundamental, visto que a profundidade é uma das aspirações do Jornalismo Literário.

Desta forma, além das narrativas de vida dos leitores convidados e das discussões relacionadas a ativismos, cenas completas das histórias dos livros puderam ser detalhadas e explicitadas, como acontece nas publicações sobre os livros “A Bolsa Amarela”, “A História Secreta” e “Capitães da Areia” – este último, por exemplo, recebeu alguns parágrafos detalhando especificamente os cenários da obra.

Além disso, os textos puderam ser dispostos no site de forma espaçada, com o auxílio do plugin Elementor, já citado. Cada fragmento recebeu margens grandes, em branco, para que o leitor pudesse perceber quando os momentos sobre a história de ficção acabavam e onde os trechos da história dos leitores começavam. Da mesma maneira, os trechos que contém posicionamentos e discussões estão inseridos dentro de um box colorido. Às margens, trechos dos livros aparecem em destaque, mostrando como tudo está conectado e adicionando a voz das escritoras e escritores mencionados às publicações (ver imagem 6).

Agora, imagine uma sala de aula onde os estudantes se sentem à vontade para compartilhar suas impressões sobre as leituras que fizeram. Onde as aulas de literatura não instigam a insegurança e o medo diante da reação dos colegas, mas estimula uma reflexão construída coletivamente. Onde novas produções, literárias ou críticas, são inclusive espontâneas. Onde a mochila, de qualquer cor que seja, não pesa.

Carolina agora é a professora.

E, depois das experiências que teve na escola e na graduação, tenta fazer com que suas aulas sejam momentos de inclusão, sinônimo de fazer parte.

Porque ninguém deve guardar a vontade de literatura.



Vou sair pelo mundo
lutando pra não
deixarem costurar o
pensamento de ninguém.

Imagem 6: Página interna da postagem sobre o livro “A Bolsa Amarela”, onde aparecem as margens dos fragmentos e citações em destaque.

Para que este projeto experimental também conseguisse romper com o jornalismo comercial e optar pela experimentação como ponto de partida, a multimídia também foi uma característica muito importante nas explorações. Esta se refere à possibilidade de utilização não somente do texto no ambiente virtual, mas também de som, imagem e da combinação de ambos. (SCHWINGEL, 2012)

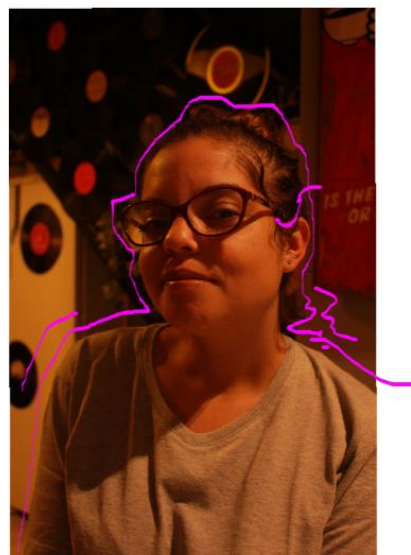
Todos os textos presentes no projeto Duas Cadeiras foram construídos para estarem incompletos. Nenhum deles recebeu descrições físicas das leitoras, como cor da pele, do cabelo ou dos olhos, nem aparecem destacadas suas idades ou outras características, como peso. Isto se deu de modo intencional para que as fotografias representassem as pessoas e ocupassem um espaço complementar ao lado das palavras (ver imagem 7).

Os braços da menina ruiva à esquerda, eternizados pela fotografia no que eu descreveria como “soltos no ar”, comemoram uma liberdade casual, já que, no dia-a-dia, eles são apenas parte de um corpo tolhido pelos pais conservadores, “Você Precisa Andar De Uma Maneira Mais Feminina”, eles dizem, e pelos professores rígidos, “Sente-se Com A Coluna Ereta E Firme Esses Braços Na Carteira, Garota”, eles dizem.

Atrás dela, três garotas, que poderiam se chamar, respectivamente, Stéfani, Amanda e Sara, ou Joana, Andressa e Beatriz ou talvez sejam reconhecidas apenas pelos seus apelidos, Mari, Gabi e Ju, tem suas pernas dobradas com ângulos parecidos, o que sugere uma coreografia ritmada para acompanhar a música que toca, de modo que a garota que se chamaria Stéfani ou Joana ou Mari, que é alguns centímetros mais alta que as outras duas amigas, precisa fazer um esforço maior para não cair, as pernas um pouco mais estabandadas, desajeitadas.

Ao fundo, é possível ver, mesmo com as sombras da foto, algumas pixações ocupando a parede: um símbolo de Paz e Amor, um símbolo do Anarquismo, um apaixonado “Tô Com Saudade”, algumas letras no código tradicional do pixo (aquele que a gente comum não entende) e um saudoso coração ao lado de JK, possível referência ao ex-presidente do Brasil que, anos antes, teria se hospedado naquele mesmo hotel, hoje abandonado.

No meio da multidão, um garoto tenta puxar uma garota pelo braço, ela com



A PESSOA

Robertha

Imagem 7: Página interna da postagem sobre a trilogia “Xampu”, onde aparece Robertha.

Os cenários escolhidos para as fotos também tentaram representar um pouco do universo dos livros e das leitoras.

As fotos relacionadas ao livro Capitães da Areia tiveram como cenário um prédio com aspecto antigo, referência ao trapiche e à Cidade Baixa de Salvador. (ver imagem 8)

As imagens sobre o livro A História Secreta receberam uma iluminação sombria, com apenas um holofote vermelho – cortesia da fachada especial para o movimento Outubro Rosa de uma seguradora em Viçosa (MG). (ver imagem 9)

As fotos para a publicação sobre a Trilogia Xampu têm como fundo uma parede de vinis, num café em Viçosa (MG), e também receberam alguns desenhos e rabiscos espontâneos, para lembrar as ilustrações das histórias em quadrinhos. (ver imagem 10)

As fotos de Ana Carolina Perricone foram feitas num café em Viçosa (MG), que é citado no texto. Como o ambiente era predominantemente cinza, foram feitas algumas inserções em rosa no fundo da página para refletir o clima do livro “A Bolsa Amarela”, que é feliz. (ver imagem 11)

Para representar uma pessoa da geração da internet que escolheu um livro clássico, a publicação sobre o livro Senhora teve imagens produzidas num brechó em Viçosa (MG), que misturava uma decoração clássica com moderna. Este tema – antigo x contemporâneo – também motivou a inserção de fotos das redes sociais da Marcella na página, além da edição com filtros nas imagens, uma aparência que lembra o aplicativo Instagram. (ver imagem 12)

Por último, as fotos para a publicação sobre o livro “Quarto de Despejo” foram editadas para ter uma aparência de sonhos, onírica. Enquanto está lendo o livro, a imagem de Juracy Fernandes foi inserida sobre uma favela, como se a leitura a transportasse para outros ambientes. Enquanto está sorrindo, Juracy recebe a companhia de uma diversidade de flores e um livro voa ao seu lado. (ver imagens 13 e 14)



Imagem 8: Fotografia inspirada no livro “Capitães da Areia” tem cenário com ferrugem.



Imagem 9: Fotografia inspirada no livro de mistério “A História Secreta” tem tons escuros.

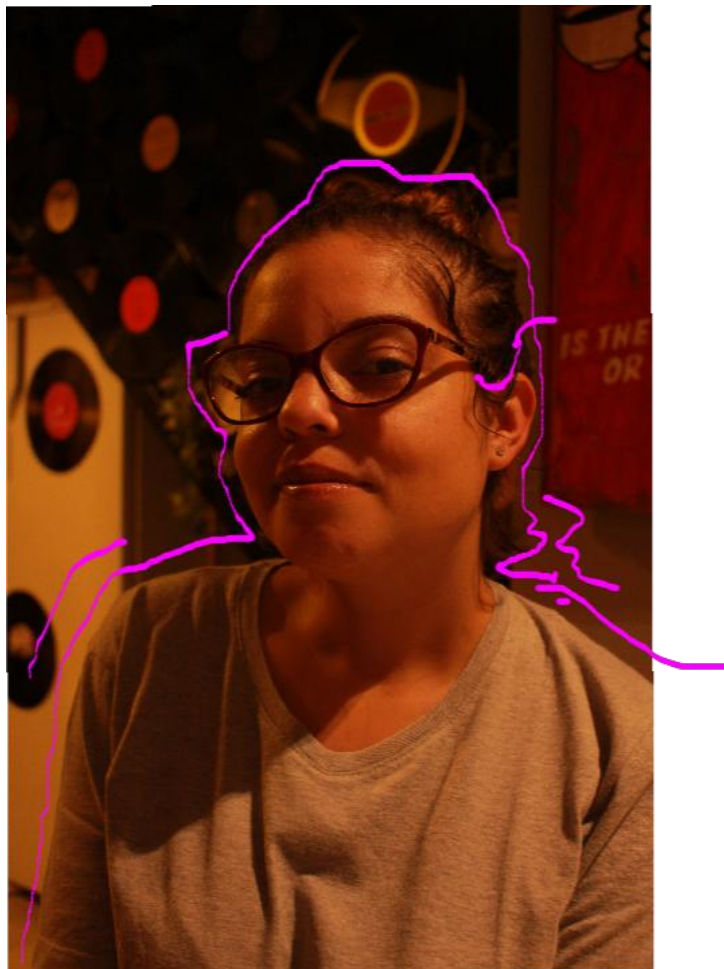


Imagem 10: Fotografia inspirada na trilogia “Xampu” foi feita em parede com discos de vinil



Imagem 11: Fotografia para a publicação sobre o livro “A Bolsa Amarela” foi feita em um café citado no texto.



Imagem 12: Fotografia para a publicação sobre o livro “Senhora” foi feita em brechó.



Imagens 13 e 14: Publicação sobre o livro “Quarto de Despejo” foi ilustrada com colagens digitais.

Da mesma maneira que as fotos demonstram aspectos físicos, os vídeos inseridos entre as passagens propiciaram, no caso dos textos sobre os livros *A Bolsa Amarela*, *Senhora*, *Capitães da Areia* e *A História Secreta*, a descoberta de outras características das leitoras – como o tom de voz e o sotaque de cada uma.

Já no caso de *Quarto de Despejo*, o recurso audiovisual foi utilizado como complementar à discussão e problematização sobre a leitura de escritoras negras – este, feito com o auxílio de Lidyane Souza, estudante de Ciências Sociais, que roteirizou um vídeo onde lista mais 4 livros para quem deseja se aprofundar no tema. Para acompanhar as colagens com a natureza, o vídeo foi gravado num jardim e o figurino da convidada também trazia o tema floral. (ver imagem 15)



Imagem 15: Publicação sobre o livro “Quarto de Despejo” tem vídeo gravado em jardim.

A única publicação que não teve a complementaridade do texto com um vídeo foi a da trilogia *Xampu*, que recebeu a inserção de quatro áudios criados para a publicação – uma decisão devido ao caráter estático das histórias em quadrinhos não combinar com a ideia de vídeo, imagens em movimento. (ver imagem 16)

Os áudios são junções de músicas que combinavam com os momentos do texto, como uma música nostálgica para a infância ou uma música de rock para a apresentação da sinopse, combinadas com efeitos sonoros diversos – sons de xícaras se enchendo

para o momento de descoberta da leitura e sons de pessoas conversando para as cenas de conversa, sons de garrafas e copos se esbarrando para as cenas de festa e sons do trânsito para quando há uma caminhada por uma cidade.

▶ **Xampu é uma trilogia** em quadrinhos das memórias do ilustrador Roger Cruz, o primeiro brasileiro a trabalhar como desenhista na Marvel Comics. Cada volume tem diferentes histórias que viveu com amigos que compartilhavam um apartamento na zona norte de São Paulo, onde reinava a música alta, garrafas cheias e vozes agudas. Ali, ouviu histórias de amor, presenciou brigas de família, viu um amigo se envolver com drogas pesadas, ficou bêbado inúmeras vezes, viveu histórias assustadoras, descobriu novas bandas com os amigos e foi muito feliz. O clima geral em Xampu é de nostalgia, uma paixão por um tempo que não volta, uma lembrança com carinho de uma fase da vida que o construiu como artista.

Imagem 16: Página interna da postagem sobre a trilogia “Xampu”, onde é visível o player de áudio inserido no texto.

Os textos, por fim, após a finalização foram revisados e lidos por alguns amigos próximos, me ajudando a retratar a intensidade do mundo não-escrito sempre com o melhor ritmo possível. Todos retornavam com exclamações, alguns elogios, críticas duras e sugestões de mudanças, que me faziam reavaliar meus caminhos ou acreditar ainda mais em mim mesmo.

Obrigado Tayná, minha mais efusiva, encorajadora e incrível amiga, Henrique, por ter acreditado neste projeto mesmo quando eu ainda nem conseguia o explicar, e Jeferson, por ser um sorriso constante nos momentos de alegria e nos momentos de desespero.

Deu certo. A vocês agradeço e dedico toda esta jornada.

RETORNO AO MUNDO COMUM

“É assim, acho, e isso já soa como uma moral da história, mas eu não me importo nem um pouco que seja assim, porque não tenho nada contra morais de histórias, porque já que as histórias acabam, então que elas acabem alguma hora, e que pelo menos seja com algum pequeno ensinamento, para que a tristeza do fim de qualquer coisa e de qualquer história se carregue de alguma textura tátil e o homem que ouviu a história vá para casa pensativo e tome café.”

Noemi Jaffe

A escolha das palavras para a criação de imagens, a escolha das imagens para a criação de uma leitura. Neste caminho, foi possível perceber como as fronteiras entre o jornalismo e a literatura são permeáveis e os diálogos e as contaminações entre as áreas podem ser produtivos. Explorar as incertezas da nossa linguagem, utilizando metáforas, equívocos e espaços em branco, e buscar na subjetividade um caminho para a escrita do cotidiano podem ser novas tarefas para um jornalista igualmente responsável com o mundo concreto e com o dizer da informação. Se escrever a sociedade pode ser um prazer, a leitura também o será.

Em um momento político onde palavras como feminismo são demonizadas, palavras sobre violência são incentivadas e palavras inventadas circulam como notícias verdadeiras, quando a capacidade de narrar e a capacidade de poetizar são consideradas transgressões, precisamos mais do que nunca nos valer das palavras – e não das armas.

Nossas palavras podem significar a abertura de novas possibilidades e caminhos. Precisamos continuar falando, mesmo que o que digamos pareça óbvio e trivial, e precisamos de novas ferramentas, novas linguagens, novas figuras, para que chamemos a atenção e nos ouçam. Concluo este trabalho, mais do que nunca, acreditando que, com as palavras, podemos criar estratégias para atingir pessoas com medo e de fornecer alento e compreensão em meio ao caos, ao horror e à destruição.

Porque existe algo nas palavras que nos faz pensar de outras formas. Porque as palavras nos fornecem a possibilidade de nos enxergarmos, darmos nomes às coisas que sentimos e sentirmos de outra maneira aquilo que nomeamos – mas também acredito que as palavras operam coisas inomináveis dentro de nós.

FICHAS TÉCNICAS

AS VONTADES E OS LUGARES

Ana Carolina Perricone indica A Bolsa Amarela

Fotografias: Canon T5i – Lente 18-55mm, editadas com Adobe Photoshop

Vídeo: Canon T5i – Lente 18-55mm, editado com Sony Vegas 11

FAZ DE CONTA QUE ESTOU SONHANDO

Juracy Fernandes indica Quarto de Despejo

Lidyane Souza indica Livros de escritos por mulheres negras

Fotografias: Canon T5i – Lente 18-55mm (sem edição)

Colagens: Imagens em domínio público, com Adobe Photoshop e Corel Draw

Vídeo: Canon T5i – Lente 18-55mm, editado com Sony Vegas 11

A IDENTIDADE DE UMA LEITORA

Marcella Gava indica Senhora

Fotografias: Canon T5i – Lente 18-55mm, editadas com Pixlr e Google Fotos, com inserções do Instagram da Marcella

Vídeo: Canon T5i – Lente 18-55mm, editado com Sony Vegas 11

CINCO LEITURAS PARA OS CAPITÃES

Taina Dias indica Capitães da Areia

Fotografias: Canon T5i – Lente 18-55mm (sem edição)

Vídeo: Canon T5i – Lente 18-55mm, editado com Sony Vegas 11

COMO OUVIR A MÚSICA DE UMA IMAGEM ESTÁTICA

Robertha indica Trilogia Xampu

Fotografias: Canon T5i – Lente 18-55mm, editadas com Arctecture e Paint

Áudios: efeitos sonoros em domínio público, editados com Sony Vegas 11

FINITUDE E DESTRUIÇÃO

Tayná Gonçalves indica A História Secreta

Fotografias: Canon T5i – Lente 18-55mm (sem edição)

Vídeo: Canon T5i – Lente 18-55mm, editado com Sony Vegas 11

REFERÊNCIAS E LEITURAS

Literárias

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2013.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**: posfácio de Milton Hatoum. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. 27ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

GARCIA, Marília. **Um teste de resistores**. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2014.

CRUZ, Roger. **Xampu**: volume 1. Barueri, SP: Panini Comics, 2016.

_____. **Xampu**: volume 2. Barueri, SP: Panini Comics, 2016.

_____. **Xampu**: volume 3. Barueri, SP: Panini Brasil, 2017.

JAFFE, Noemi. **Não está mais aqui quem falou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. 10ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2014.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**: poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TART, Donna. **A História Secreta**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Teóricas

AGUIAR, Flavio. As questões da crítica literária. IN: MARTINS, Maria Helena (org.). **Outras Leituras**: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente. São Paulo: Editora SENAC São Paulo e Itaú Cultural, p. 19-34, 2000.

BACCEGA, Maria Aparecida. Crítica de televisão: aproximações. IN: MARTINS, Maria Helena (org.). **Outras Leituras**: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura,

linguagem interagente. São Paulo: Editora SENAC São Paulo e Itaú Cultural, p. 37-51, 2000.

BALVERDU, Andressa Machado. **Comunidade Booktube como alternativa de incentivo à leitura**. Porto Alegre: 2014. Monografia (Curso de Biblioteconomia). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências de Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

_____. **O Rumor da Língua**. Tradução de Mario Laranjeira. 2ª edição. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2004.

BELINTANE, Claudemir. Quando o mundo some: reflexões sobre o futuro da(s) leitura(s). **Educação & Realidade**. Porto Alegre: vol. 43, nº 1, p. 275-291, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191, 2006.

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura. IN: MARTINS, Maria Helena (org.). **Outras Leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo e Itaú Cultural, p. 55-70, 2000.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas Para o Próximo Milênio: Lições americanas**. Tradução de Ivo Barroso. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. IN: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. 2ª edição. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CESAR, Ana Cristina. **Literatura não é documento**. Rio de Janeiro: Editora FUNARTE, 1980.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador: Conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- ECO, Umberto. **Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção**. Tradução de Hildegard Feist. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. IN: **Literatura e o leitor: Textos de estética da recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. 2ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.
- LONGHI, Raquel Ritter. O *turning point* da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: vol. 21, nº 3, p. 897-917, 2014a.
- _____. O audiovisual como gênero expressivo e sua reconfiguração no jornalismo online. **Estudos em Comunicação**. Portugal: nº 16, p. 69-88, 2014b.
- MACHADO, Irene. Redescoberta do *sensorium*: rumos críticos das linguagens interagentes. IN: MARTINS, Maria Helena (org.). **Outras Leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo e Itaú Cultural, p. 73-93, 2000.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 8ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10. 1992, p. 200-212.
- SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. IN: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. 2ª edição. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCLIAR, Moacyr. O valor simbólico da leitura. IN: AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa oficial do Governo do Estado de São Paulo e Instituto Pró-livro, p. 31-40, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & Biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e O Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.